

Entre raízes e sonhos: o reflorestamento de Gleuber

Na comunidade de Pedra Preta, em Tabuleiro do Norte, o verde vem voltando a ocupar o lugar que o sol e o tempo haviam deixado seco. No meio desse renascimento está Gleuber Kenner da Costa, 38 anos, agricultor, apicultor, criador de bichos e guardião de um sonho antigo: o de ver a terra coberta de vida novamente.

“Meu avô foi como um pai pra mim”, conta. “Ele me ensinou a cuidar dos bichos, plantar. Foi com ele que aprendi tudo.”

Filho da comunidade, Gleuber cresceu acompanhando o avô nas tarefas diárias: cuidar do gado, plantar milho, alimentar as criações. Desde menino, já dizia que queria ter o próprio quintal produtivo, cheio de árvores e animais. Mas a vida, como o tempo, às vezes muda o rumo das águas. Aos 14 anos, após a separação dos pais, ele se mudou com a mãe para a sede de Tabuleiro do Norte, mas coração nunca se acostumou com o asfalto. “O sentimento era de voltar pra terra onde nasci”, lembra.

A oportunidade veio em 2012, quando conseguiu comprar um terreno com ajuda da irmã. O espaço era só chão e mato, sem cerca, sem benfeitoria, mas cheio de planos. Aos poucos, a casa foi levantando, e o sonho, ganhando forma. Nos anos seguintes, Gleuber se dividiu entre o campo e o trabalho na cidade. Em 2015, foi pra São Paulo em busca de renda. Lá, recebeu a notícia da morte do avô, e com ela veio a certeza: precisava voltar.

Em 2016, com a chegada do filho Guilherme, Gleuber decidiu de vez: ficaria no campo e viveria da agricultura. “O nascimento do meu menino foi uma revolução na minha vida. Eu queria estar perto, acompanhar. A partir dali, disse pra mim mesmo que ia viver da terra.”



Gleuber mostrando sua produção de abelhas; Gleuber ao lado de sua criação de animais (bodes e galinhas)

Mas o começo foi difícil. Sem estrutura, sem recursos e sem renda estável, Gleuber passou anos de aperto, se virava em diárias, carregando esterco, ajudando nas propriedades vizinhas, e à noite trabalhava com apicultura, tirando mel e cuidando de abelhas. “Era dia e noite de trabalho. Todo mundo dizia que ‘agricultura não da camisa pra ninguém, mas eu queria continuar.’” Mesmo com pouco, foi construindo seu espaço. Plantava milho e sorgo, criava alguns bodes e galinhas, e quando apertava vendia o que tinha. Entre 2016 e 2019, lutou com o básico. “Foi difícil Mas eu sabia que valia a pena.”

Do sonho à floresta

Desde que comprou o terreno, Gleuber sonhava em reflorestar com árvores nativas. A ideia vinha de longe, dos tempos de conversa com o avô. Em 2020, o plano saiu do papel. Com recursos próprios, começou o reflorestamento com sabiá (*Mimosa caesalpinifolia*), uma árvore típica do Semiárido, forte, florida e essencial para as abelhas. “Escolhi o sabiá porque é uma árvore boa pra tudo: dá flor pra abelha, madeira pra cerca, sombra pros bichos e ainda segura o solo. Além de ser nativa.”

Hoje, os hectares de seu terreno está coberta por sabiás, devolvendo vida ao solo e alimento para as abelhas dos apiários próximos. “Teve gente que achou que eu era doido por deixar as moitas crescer. Diziam: ‘Por que tu não limpa isso?’. Mas eu dizia: ‘Deixa, que vai servir pra alguma coisa’. Hoje serve pra tudo: pra sombra, pro mel, pros bichos e pra mim.”

A cada nova florada, o sabiá se cobre de pequenas flores amareladas, um banquete para as abelhas que ele cria no mesmo terreno. “A flor do sabiá é boa e duradoura. Quando a florada das nativas acaba, o sabiá continua dando flor, é importante para as abelhas.” Em suas palavras, o reflexo é simples: as árvores dão flor para as abelhas; as abelhas ajudam a polinizar; isso melhora a vida das plantas e do quintal. “Uma depende da outra. Quando você planta o certo, tudo se ajeita”. O reflorestamento e a apicultura, portanto, são continuação de um modo de vida e de um legado:

“Eu sonho com isso desde criança.”

Além das árvores e das abelhas, Gleuber criou um espaço cheio de vida. Tem uma pequena plantação, bodes e gado, e boa parte da renda vem dos ovos das mais de duzentas galinhas espalhadas pelo terreiro. Hoje o sítio de Gleuber é um espaço em transição: ainda há muito a organizar, cercas e estruturas a arrumar, e ele mesmo reconhece que quer deixar tudo mais ajeitado nos próximos anos. Mas já há resultados visíveis: plantas nativas voltando a brotar, abelhas encontrando alimento no quintal, galinhas dando ovos e a casa se sustentando com o fruto do trabalho. Para Gleuber, esse é o sentido do esforço: estar perto do filho, viver do que gosta e cuidar da terra que ele aprendeu a amar.